



A Desindustrialização do Brasil e seu Impacto nas Relações de Comércio Exterior: Causas, Consequências e Estratégias de Recuperação

The Deindustrialization of Brazil and its Impact on Foreign Trade Relations: Causes, Consequences and Recovery Strategies

Recebido: 01/03/2024 | Revisado: 14/04/2024 | Aceito: 22/04/2024 | Publicado: 22/04/2024

<https://www.doi.org/10.5281/zenodo.11047334>

João Pedro Alcântara Pereira

Faculdade de Tecnologia da Zona Leste

<https://orcid.org/0009-0006-7165-701X>

joao.pereira42@fatec.sp.gov.br

Resumo

Nas últimas quatro décadas, ocorreram mudanças significativas na participação da indústria no produto interno bruto global, com uma queda acentuada de 24,9% para 16,6% entre 1970 e 2007. Isso indica uma diminuição na contribuição da produção manufatureira para o PIB brasileiro. O Brasil enfrenta um processo de desindustrialização, caracterizado por baixo crescimento do PIB, aumento do desemprego e déficits na balança comercial. Esse fenômeno também afeta profundamente as relações de comércio exterior. A crescente dependência das exportações de commodities, como produtos agrícolas e minerais, coloca o Brasil em uma posição vulnerável às flutuações de preços no mercado internacional. Além disso, a desindustrialização dificulta a diversificação das exportações, tornando o país menos competitivo em setores de alto valor agregado. Este artigo ressalta a necessidade de compreender os fatores que impulsionam a desindustrialização no Brasil e seus impactos nas relações de comércio exterior. A metodologia aplicada neste estudo será uma pesquisa descritiva, com análise de resultados qualitativos, relacionando conceitos e teorias sobre a desindustrialização. O objetivo é compreender as causas desse fenômeno, suas consequências e propor estratégias para o desenvolvimento da indústria brasileira, considerando a perspectiva do comércio exterior.

Palavras-chave: Desindustrialização; Comércio Exterior; Brasil; Estratégias de Recuperação; Competitividade.

Abstract

Over the past four decades, there have been significant changes in the industry's share of global gross domestic product, with a sharp drop from 24.9% to 16.6% between 1970 and 2007. This indicates a decrease in the contribution of manufacturing production to the Brazilian GDP. Brazil is facing a process of deindustrialization, characterized by low GDP growth, rising unemployment, and trade deficits. This phenomenon also profoundly affects foreign trade relations. The growing dependence on commodity



exports, such as agricultural products and minerals, places Brazil in a vulnerable position to price fluctuations in the international market. In addition, deindustrialization makes it difficult to diversify exports, making the country less competitive in high value-added sectors. This article highlights the need to understand the factors driving deindustrialization in Brazil and their impacts on foreign trade relations. The methodology applied in this study will be descriptive research, with analysis of qualitative results, relating concepts and theories about deindustrialization. The objective is to understand the causes of this phenomenon, its consequences and to propose strategies for the development of the Brazilian industry, considering the perspective of foreign trade.

Keywords Deindustrialization; Foreign Trade; Brazil, Recovery Strategies; Competitiveness.

1. Introdução

A desindustrialização precoce no Brasil é um fenômeno que tem suscitado preocupações e debates acalorados nas esferas econômicas e políticas. As mudanças na participação da indústria no produto interno bruto (PIB) em escala global também foram substanciais nas últimas quatro décadas, observando-se uma queda pronunciada, de 24,9% para 16,6%, entre 1970 e 2007, o que indica a diminuição de participação da produção manufatureira em relação ao PIB brasileiro (Bonelli & Pessôa, 2010).

Como destacaram Bresser-Pereira (2009) e Cano (2012) o Brasil vem enfrentando um processo de desindustrialização, demonstrando um baixo crescimento na composição do PIB, um aumento do desemprego, seguido por déficits na balança comercial.

A influência desse fenômeno nas relações de comércio exterior é profunda. A dependência crescente das exportações de commodities, como produtos agrícolas e minerais, coloca o Brasil em uma posição vulnerável em relação às flutuações dos preços desses produtos no mercado internacional. Além disso, a desindustrialização dificulta a diversificação das exportações, tornando o país menos competitivo em setores de alto valor agregado.



Neste contexto, este artigo destaca a necessidade de compreender os fatores que impulsionam a desindustrialização no Brasil e quais são seus impactos nas relações de comércio exterior, a fim de propor estratégias de desenvolvimento da indústria no Brasil.

A metodologia aplicada neste estudo será uma pesquisa descritiva, com tratamento de resultados qualitativos, relacionando conceitos e teorias sobre a desindustrialização e seus impactos, buscando compreender as causas da desindustrialização, consequências e estratégias de recuperação da indústria, levando em consideração esses capítulos sobre a perspectiva do comércio exterior.

2. Referencial Teórico

2.1. Conceito de desindustrialização

Segundo Rowthorn (1987) desindustrialização deve ser observada sobre a perspectiva do aumento do desemprego da indústria do Reino Unido. Porém, para Tregenna (2009) a desindustrialização deve levar em consideração a produção, restituindo o papel da indústria. Fiona Tregenna é de extrema importância para o estudo do conceito de desindustrialização no Brasil, pois foi orientanda de Gabriel Palma, em meados dos anos 2000, autor de notoriedade nos estudos sobre desindustrialização no Brasil, que adota uma visão sobre o assunto pautado do ponto de vista da desindustrialização causada pela doença holandesa.

A desindustrialização do ponto de vista do comércio exterior é compreendida como a deterioração da posição da indústria manufatureira do país, medida por métodos do comércio internacional (Morceiro, 2012). Como destacado por Morceiro (2012) há alguns padrões gerais para a medida do desenvolvimento de cada país, sempre respeitando as diferenças de país para país, devido as particularidades de cada um. Para definir o conceito de desindustrialização, é muito importante levar em consideração a evolução dos



três agregados setoriais que fazem parte do Produto Interno Bruto (PIB) – agricultura, indústria e serviços (Morceiro, 2012)

[...]Quando se considera que as tendências descritas só fazem sentido, em termos cronológicos, após o surgimento da indústria, a ideia é bem simples. Antes do início do processo de industrialização, a população de um país, de modo geral, assenta-se no campo; no entanto, à medida que as atividades industriais se desenvolvem, as pessoas migram rumo às cidades, que se agigantam. Essa transição – do campo para as cidades e, *pari passu*, da agricultura para a indústria – demanda serviços subjacentes à industrialização e ao estilo de vida urbano. Com o avanço do desenvolvimento econômico e da maturidade industrial, a força de trabalho e o valor adicionado da economia concentram-se crescentemente no setor terciário. (Morceiro, 2012, p. 19)

Neste contexto podemos atribuir que o termo desindustrialização, é descrito por diversos autores e sob diversas perspectivas, como: da composição do emprego e do valor adicionado manufatureiro na economia, participação do emprego, da estrutura do comércio internacional, da evolução dos coeficientes de importação e exportação, da evolução de agregação de valor, entre outros. (Morceiro, 2012). Sob esta perspectiva, podemos compreender que conforme a opção adotada e do ponto de vista escolhido, podem-se obter resultados contrastantes para a justificativa da desindustrialização do país.

2.2. Causas da desindustrialização no Brasil

De acordo com Rowthorn e Ramaswamy (1999), as causas da desindustrialização podem ser classificadas por acontecimentos internos e externos de uma economia em específico, descrito pelos autores. Os fatores internos seriam o crescimento acelerado da produtividade na indústria em comparação ao setor de serviços, o segundo fator seria a elasticidade renda da demanda por produtos manufaturados e serviços.

Nesse cenário descrito, o processo de desenvolvimento econômico, a partir do momento do aumento da renda per capita, a desindustrialização seria encarada de uma forma “natural” e inerente ao processo de desenvolvimento econômico de qualquer economia.



[...] Isso porque a elasticidade renda da demanda de serviços tende a crescer com o desenvolvimento econômico, tornando-se maior do que a elasticidade renda da demanda por manufaturados. Dessa forma, a continuidade do desenvolvimento econômico levará a um aumento da participação dos serviços no PIB e, a partir de um certo nível de renda per capita, a uma queda da participação da indústria no PIB. Além disso, como a produtividade do trabalho cresce mais rapidamente na indústria do que nos serviços, a participação do emprego industrial deverá iniciar seu processo de declínio antes da queda da participação da indústria no valor adicionado. (Oreiro & Feijó, 2010, p. 222)

Contudo, os processos externos que demonstram a desindustrialização de uma economia estão intimamente relacionados ao processo de globalização, portanto, em alguns países tendem a concentrar seu foco de produção para serviços ou para produção de produtos manufaturados. Dentro do grupo dos países que intensificam a produção de produtos manufaturados, existem aqueles que focam em produção de manufaturados intensos em trabalho qualificado, ao passo em que outros países podem focar na produção de manufaturados intensos em trabalho não qualificado. Enquanto o primeiro grupo de países descritos a tendência é que o desenvolvimento gere uma redução do emprego industrial, no segundo grupo o oposto acontece, ou seja o aumento do emprego industrial (Oreiro & Feijó, 2010).

Vale a pena ressaltar também a “doença holandesa”, descrita de forma excepcional pelo autor Palma (2005), que cita países férteis em recursos naturais, como é o cenário brasileiro, reduz significativamente a participação da indústria na geração de empregos e consequentemente o efeito causado pela apreciação cambial, resultante na perda de competitividade da indústria brasileira em relação as demais economias e no déficit comercial em índice crescente, causado por parte de políticas comerciais (Oreiro & Feijó, 2010).

Assim como o Brasil, os países em desenvolvimento, iniciaram a sua “desindustrialização precoce” ou “doença holandesa” com os índices de renda per capita



abaixo do nível apresentado por países desenvolvidos (também apresentaram a desindustrialização considerada “natural” pelos aspectos que foram citados anteriormente), portanto os países considerados em desenvolvimento, mas que adotaram políticas comerciais características da “doença holandesa”, tendem a atingir o seu nível de desindustrialização, sem ao menos alcançarem o “ponto de maturidade” de suas estruturas industriais, portanto, não vão usufruir das possibilidades de desenvolvimento econômico que a industrialização pode proporcionar a estas respectivas nações (Oreiro & Feijó, 2010).

2.3. Consequências da desindustrialização

As consequências para tal fenômeno são distintas, dependem de economias, políticas comerciais, recursos naturais, estruturas industriais e variam de país para país. Neste artigo, iremos abordar as consequências da desindustrialização do Brasil sobre citações de autores como Rowthorn (1987), que adotam no trecho a seguir, a teoria da desindustrialização de uma forma negativa e um fenômeno patológico e que podem afetar diversas economias em diversos estágios de desenvolvimento

[...] [A] desindustrialização "negativa" é, na maioria dos casos, certamente um fenômeno patológico que pode afetar as economias em qualquer estágio de desenvolvimento. Ela é um produto da falha econômica e ocorre quando a indústria está em severas dificuldades e o desempenho geral da economia é pobre. Sob tais circunstâncias, o trabalho eliminado a partir do setor manufatureiro - por causa da falha da produção ou maior produtividade - não será absorvido no setor de serviços. Portanto, o desemprego aumentará. Assim, a desindustrialização negativa está associada a uma renda real estagnada e ao aumento do desemprego (Rowthorn, 1987, p.6, grifo por Morceiro, 2012).

Segundo Palma (2005), a desindustrialização precoce ou prematura ocorreu nos países sul-americanos. A desindustrialização precoce é extremamente prejudicial à uma economia em desenvolvimento, ou seja, quando a renda per capita é inferior a um terço da média dos países desenvolvidos (Morceiro, 2012).

Uma das principais consequências da desindustrialização no Brasil, ocorre por conta falta de competitividade da indústria brasileira, que foi perdendo seu potencial



desde o final da década de 80 até os dias atuais, como destaca o autor Andrade (2022), em seu artigo o respectivo autor também destaca a relevância do Custo Brasil e falta de uma estratégia de desenvolvimento da indústria, que seja eficaz para a economia

[...] As causas da perda de competitividade da indústria nacional são muitas. Destacam-se, entre elas, os elevados custos sistêmicos, conhecidos como Custo Brasil, além da ausência de uma estratégia de desenvolvimento industrial. O Custo Brasil – que, como divulgado pelo Ministério da Economia, consome 1,5 trilhão de reais anualmente das empresas –, é resultado de diversos problemas, como o sistema tributário complexo, oneroso e cumulativo; a infraestrutura deficiente; o financiamento escasso e caro; a baixa qualidade da educação; o ambiente macroeconômico instável; e a insegurança jurídica. (Andrade, 2022, p. 2 -3)

As principais consequências da desindustrialização prematura que ocorre no Brasil, têm fatores múltiplos, mas as principais delas são perceptíveis no comércio internacional. Portanto, países com menor intensidade tecnológica em partes da indústria, o que ocorre em países em desenvolvimento, podem resistir a impactos da competição externa através de barreiras técnicas impostas por políticas comerciais (MORCEIRO, 2012), mas não apenas se limitarem a estes aspectos, portanto, desenvolverem estratégias de recuperação a longo e médio prazo para a recuperação da indústria brasileira, gerando impactos significativos para o comércio exterior.

2.4. Estratégias de recuperação para a indústria

A indústria brasileira durante meados de 1980, adotou políticas públicas e comerciais responsáveis por incentivar o setor privado através de investimentos do governo, aonde o setor industrial representava quase metade do PIB da economia brasileira (Andrade, 2022).

Porém na década de 1990 foi marcada pelos primeiros indicativos de que a economia passava por um processo de desindustrialização. A indústria de transformação, que em 1985 representava 36% do PIB, terminou o ano de 2021 com apenas 11% de participação na produção nacional. Em 1995, nossa indústria manufatureira representava



2,77% da produção mundial, hoje o cenário representa 1,28% (Confederação Nacional da Indústria).

Para traçar possíveis estratégias de recuperação da indústria, devemos nos atentar a aspectos como a retomada da competitividade da indústria, como foi citado as causas nos capítulos anteriores, para assim conseguir “estancar” a desindustrialização. União Europeia (UE), Japão, Estados Unidos continuam investindo em pesquisas para adotarem novas estratégias de desenvolvimento da indústria de uma forma macro.

Portanto, os ganhos tecnológicos e científicos de adotar novas políticas de desenvolvimento industrial modernas, são extremamente relevantes, investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) em países como Coreia do sul, chegam a 4,58 % do investimento em relação ao produto interno bruto (PIB), China, corresponde a 2,13% do PIB, Israel a 4,55% em relação ao PIB e em contrapartida o Brasil possui seus investimentos em 1,27% sobre o PIB em P&D, segundo pesquisas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) realizadas em 2019.

3. Metodologia

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa descritiva que relaciona conceitos e teorias sobre a desindustrialização e seus impactos. Utiliza fontes secundárias, como livros e artigos de autores como Rowthorn (1987), Rowthorn & Ramaswamy (1999), Palma (2005), Ricupero (2005), Morceiro (2012 e 2021), Oreiro & Feijó (2010), entre outros. Esses estudos estão relacionados ao conceito de desindustrialização, aplicado ao cenário brasileiro, abordando possíveis causas, consequências e estratégias de recuperação, com foco nas relações de comércio exterior. A metodologia adotada é uma pesquisa qualitativa, com análise de resultados embasada em livros e artigos sobre o tema em questão.



4. Análise e Interpretação dos Resultados

Neste estudo iremos analisar diversas bibliografias de autores sobre o tema desindustrialização, como cita no livro de Rowthorn (1987), com o nome de “*De-Industrialization Foreign*”, sob a perspectiva da desindustrialização e sua relação com o comércio exterior, Robert Rowthorn, professor emérito de Economia na Universidade de *Cambridge*, tido como um autor heterodoxo a respeito do tema, com a percepção de que a desindustrialização inibi o potencial crescimento econômico e social de um país.

Há segundo o autor um tipo de desindustrialização descrita como “positiva”, pois em países mais desenvolvidos e com uma estrutura de produção mais robusta, é de certa forma “natural” a desindustrialização aplicada nesse contexto, pois como explicado anteriormente, conforme a estrutura de produção de uma economia aumenta, o setor manufatureiro aumenta a sua produção, sem consequentemente aumentar o número de empregados. Em contrapartida, o setor de serviços nesses estágios mais avançados de industrialização, aumentam o número de empregos, mas com o potencial menor de escalar sua produção, pois o setor de serviços depende muito do fator humano, ou seja, na visão do autor, é inevitável essa perda de participação da indústria manufatureira no PIB, enquanto o setor de serviços aumenta a sua participação em relação ao PIB (teoria aplicada para países desenvolvidos e que atingiram o ápice do seu nível de industrialização). Como descrito no trecho a seguir:

[...] [A] desindustrialização “positiva”, é um resultado normal do crescimento econômico sustentado em uma economia plenamente empregada e já altamente desenvolvida. Ela ocorre porque o crescimento da produtividade no setor manufatureiro é tão rápido que, apesar da produção crescente, o emprego nesse setor é reduzido também absolutamente ou como participação do emprego total. No entanto, isso não conduz ao desemprego, porque novos empregos são criados no setor de serviços em uma escala suficiente para absorver qualquer trabalhador deslocado a partir da manufatura. Paradoxalmente, esse tipo de desindustrialização é um sintoma do sucesso econômico. (Rowthorn, 1987, p.5-6, grifo por Morceiro, 2012)



O autor também tem outra teoria a respeito da desindustrialização descrita como “precoce”, que em muitos aspectos se assemelha a teoria de desindustrialização “positiva”, isto é, quando determinada economia atinge o desenvolvimento industrial e o aumento da renda per capita, portanto pode sim ser encarada como uma mudança estrutural de política industrial bem-sucedida.

[...] [A] desindustrialização precoce é variante patológica da chamada “desindustrialização positiva”. Quando a industrialização completou com êxito o processo do desenvolvimento e elevou a renda per capita a nível elevado e autossustentável, o setor manufatureiro começa a declinar, em termos relativos, como proporção do produto e do emprego. Isso ocorre em contexto de crescimento rápido e pleno emprego, no momento em que se atinge renda per capita entre US\$ 8,000 e US\$ 9,000, medidos em preços constantes de 1986, correspondendo hoje a valores nominais bem mais altos. O fenômeno é patológico quando aparece em economias onde a renda per capita é menos da metade ou até de um terço desse nível e em contexto de baixo crescimento e desemprego de massa. Nesse caso, o processo de industrialização abortou antes de dar nascimento a uma economia próspera de serviços, capaz de absorver a mão de obra desempregada pela indústria. (Ricupero, 2005, p.1 grifo por Morceiro, 2012)

Ambas as teorias de desindustrialização, nesse estudo não se aplicam da melhor forma ao Brasil e a maneira como aconteceu a desindustrialização no país. Portanto, está cada vez mais associado a uma desindustrialização “negativa”, como citado anteriormente, pois afeta a maioria das economias, principalmente as economias em desenvolvimento, resultado de uma economia pobre e uma indústria em muita dificuldade, o desemprego aumentando no setor industrial por conta de falhas de produções ou aumento de produtividade, o desemprego gerado pela indústria não será reaproveitado pelo setor de serviços, causando assim um colapso socioeconômico e o aumento vertiginoso do desemprego (Rowthorn, 1987).

A economia brasileira se desindustrializa com grande intensidade desde a década de 1980, conforme observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Indústria de transformação (% do PIB), Brasil, 1947-2019, a preços correntes:



Fonte: IBGE (1996, 2006, 2020). Cálculos e elaboração de Morceiro (2021)

Para exemplificar como a desindustrialização, influência direta ou indiretamente as relações de comércio exterior. No Gráfico 2, é possível observar a participação da indústria de transformação, ou seja, é o tipo de indústria que tem por objetivo transformar matéria-prima em produto final ou intermediário para a finalização do produto em outra indústria de transformação.



Fonte: IBGE, Contas Nacionais e MDIC; elaboração de Considera, Trece (2022)



Os resultados demonstrados apenas traduzem os problemas estruturais da indústria brasileira e as políticas públicas ineficientes, atribuídos a muitos fatores, como a abertura comercial, taxa de câmbio, que intensificam ou desaceleram as importações e exportações da indústria de transformação. Também deixam claro como a competitividade da indústria brasileira diminuiu, afetando principalmente as exportações, evidenciado com intensidade ao longo dos anos 2000 (Considera & Trece, 2022).

5. Conclusões

Desde já, é importante ressaltar que a principal dedução extraída deste estudo, é que a desindustrialização do Brasil é do tipo precoce, ou seja, nem sequer atingiu seu ápice socioeconômico, mesmo assim sofre com problemas na estrutura industrial e falhas na produção, ocasionando diversos problemas crônicos, como desemprego, diminuição de competitividade industrial etc.

Portanto, estratégias de recuperação da indústria são de extrema importância, fortalecido por políticas de desenvolvimento industrial modernas, com desenvolvimento de técnicas de manufatura avançada e na incorporação de tecnologias da indústria 4.0, que possibilitam um aumento de produtividade exponencial a longo prazo. Sem desconsiderar o meio ambiente, propondo políticas ambientais, que utilizem da tecnologia para atingir uma produção com baixo carbono. Por meio das estruturas públicas de financiamento, atingir objetivos cruciais para o desenvolvimento da indústria, como juros competitivo, inovação, exportação, financiamento direcionado e economia de carbono.

Caso todos esses objetivos sejam atingidos com sucesso, ocorrerá uma reversão da desindustrialização precoce, ou seja, ascensão da indústria de forma plena, para retomar o curso do crescimento socioeconômico, afinal, podemos constatar que não existe



país vigoroso e desenvolvido sem uma indústria competitiva e dinâmica aos cenários do comércio internacional.

Referencial Bibliográfico

- Andrade, R. B. (2022). Reversão da desindustrialização é crucial para o Brasil crescer de forma sustentável. Agência de Notícias da Indústria. Acessível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/artigos/robson-braga-de-andrade/reversao-da-desindustrializacao-e-crucial-para-o-brasil-crescer-de-forma-sustentavel/#/>. Acesso em 29 de out. 2023.
- Bonelli, R., & Pessôa, S. A. (2010) Desindustrialização no Brasil: um resumo da evidência.
- Bresser-Pereira, L.C. (2009) Globalização e competição: porque alguns países emergentes têm sucesso e outros não. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil.
- Cano, W. (2012). A desindustrialização no Brasil. Campinas: Unicamp. (Texto para discussão, 200)
- Considera, C; Trece, J. (2022) Indústria de transformação brasileira: À beira da extinção. Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE).
- IBGE. (1996) “Contas consolidadas para a nação – Brasil: 1990-1995”, Rio de Janeiro: IBGE.
- IBGE. (2006) “Estatísticas do século XX”, Rio de Janeiro: IBGE.
- IBGE. (2020) “Contas Nacionais Trimestrais: 4o trimestre de 2019” Rio de Janeiro: IBGE.
- Morceiro, P C. (2012). Desindustrialização na economia brasileira no período 2000-2011: abordagens e indicadores. Cultura Academica.
- Morceiro, P C. (2021). Influência metodológica na desindustrialização brasileira. Brazilian Journal of Political Economy, v. 41, p. 700-722.
- Oreiro, J. L.; feijó, C. A. (2010). Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. Brazilian Journal of Political Economy, v. 30, p. 219-232.
- Palma, J. G. (2005). Quatro fontes de desindustrialização e um novo conceito de doença holandesa. In: Conferência de industrialização, desindustrialização e desenvolvimento. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.



Journal of Technology & Information

- Ricupero, R. (2005). Desindustrialização precoce: futuro ou presente do Brasil? Síntese das principais teses e demonstrações do relatório. Trade and Development Report, 2003. New York/Geneva: Unctad.
- Rowthorn, R. E. (1987) De-Industrialization Foreign. Cambridge University Press.
- Rowthorn, R. & Ramaswamy, R. (1999). Growth, trade, and deindustrialization. IMF Staff papers, v. 46, n. 1, p. 18-41.
- Tregenna, F. (2009). Characterising deindustrialisation: An analysis of changes in manufacturing employment and output internationally. Cambridge journal of economics, v. 33, n. 3, p. 433-466.